

A MELHOR NOTÍCIA DA PÁSCOA

A Melhor Notícia da Páscoa
Traduzido do original em inglês
The Good News,
editado por Burk Parsons.
Copyright © 2015 Ligonier Ministries.

•

Publicado por Ligonier Ministries,
Tabletalk Magazine – Janeiro 2015

•

Copyright © 2017 Editora Fiel.
Primeira Edição: Abril de 2017.

•

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por Editora Fiel da Missão Evangélica Literária
PROIBIDA A REPRODUÇÃO DESTE LIVRO POR QUAISQUER MEIOS, SEM A PERMISSÃO ESCRITA DOS EDITORES, SALVO EM BREVES CITAÇÕES, COM INDICAÇÃO DA FONTE.

•

Diretor: James Richard Denham III
Editor: Vinícus Musselman Pimentel
Coordenação Editorial: William Teixeira
Tradução: Camila Rebeca Teixeira
Revisão: André Aloísio Oliveira da Silva
Diagramação: João Fernandes
Capa: João Fernandes
Ebook: João Fernandes



Caixa Postal, 1601
CEP 12230-971
São José dos Campos-SP
PABX.: (12) 3919-9999
www.editorafiel.com.br

Sumário

O que é o evangelho?

Quem é Deus?

O que é o homem?

Quem é Cristo?

O que é fé?

O que é graça?

O que são justificação e santificação?

Qual é nossa resposta?

Pregando o evangelho para si mesmo

Os novos céus e a nova terra

O que é o evangelho?

Ray Ortlund

Em um sentido, toda a Bíblia é o evangelho. Ao lê-la de Gênesis a Apocalipse, vemos amplas declarações da maravilhosa mensagem de Deus para a humanidade.

Porém, muitas pessoas leem toda a Bíblia, e suas compreensões sobre o evangelho diferem grandemente, continuam vagas ou simplesmente erradas. Alguns falam sobre o evangelho em termos do favor de Deus manifestado em prosperidade financeira. Outros descrevem uma utopia política em nome de Cristo. Outros ainda enfatizam o seguir a Cristo, avançar o seu reino, ou buscar a santidade. Alguns desses temas são bíblicos. Mas nenhum deles é o evangelho.

Felizmente, nós podemos recorrer a passagens que nos dizem, explícita e claramente, o que é o evangelho. Por exemplo, o apóstolo Paulo explica o que é "antes de tudo" dentro da mensagem bíblica:

"Irmãos, venho lembrar-vos o evangelho que vos anun-

ciei, o qual recebestes e no qual ainda perseverais; por ele também sois salvos, se retiverdes a palavra tal como vo-la preguei, a menos que tenhais crido em vão. Antes de tudo, vos entreguei o que também recebi: que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras, e que foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras" (1 Coríntios 15.1-4).

Paulo lembra aos crentes coríntios a mensagem do evangelho e sua abrangente relevância para eles. Eles receberam essa mensagem, eles estão nela, estão sendo salvos por ela. Esses santos e poderosos benefícios fluem na experiência deles enquanto se apegam firmemente à palavra do evangelho que Paulo lhes deu. Os coríntios não merecem tal bênção, mas o evangelho anuncia a graça de Deus em Cristo para aqueles que não são dignos. O único fracasso catastrófico dos coríntios seria a incredulidade. Com tanto para recomendar o evangelho, não espanta que Paulo o classifique como "antes de tudo" em suas prioridades.

Então, o que é o evangelho? O evangelho é a boa notícia da parte de Deus, em primeiro lugar, de que "Cristo morreu pelos nossos pecados". A Bíblia diz que Deus criou Adão sem pecado e capaz de governar uma criação boa (Gênesis 1). Depois, Adão se apartou de Deus e levou toda a nossa raça a cair

com ele na culpa, miséria e ruína eterna (capítulo 3). Mas Deus, em seu grande amor por nós, rebeldes a partir de então, completamente inadequados para Ele, enviou um Adão melhor, o qual viveu a vida perfeita que nunca vivemos e morreu a morte culpada que não queremos morrer. "Cristo morreu pelos nossos pecados" no sentido de que, na cruz, Ele fez expiação pelos delitos que cometemos contra Deus, nosso Rei. Jesus, morrendo como nosso substituto, absorveu em Si mesmo toda a ira de Deus contra a real culpa moral do seu povo. Ele não deixou nenhuma dívida não paga. Ele mesmo disse: "Está consumado" (João 19.30). E nós diremos para sempre: "Digno é o Cordeiro que foi morto!" (Apocalipse 5.12).

Em segundo lugar, o evangelho diz: "foi sepultado", enfatizando que os sofrimentos e a morte de Jesus foram totalmente reais, extremos e decisivos. A Bíblia diz: "Indo eles, montaram guarda ao sepulcro, selando a pedra e deixando ali a escolta" (Mateus 27.66). Depois de matá-lo, seus inimigos fizeram com que todos soubessem que Jesus estava sepultado. A morte do nosso Senhor não foi somente tão decisiva quanto a morte pode ser, foi também humilhante: "Designaram-lhe a sepultura com os perversos" (Isaías 53.9). Em seu surpreendente amor, Jesus se identificou completamente conosco, pecadores e sofredores, sem omitir nada.

Em terceiro lugar, o evangelho diz: "ressuscitou ao terceiro dia". Anos atrás, eu ouvi S. Lewis Johnson expressá-lo assim: a ressurreição é o "Amém!" de Deus para o "Está consumado" de Cristo. Jesus "ressuscitou por causa da nossa justificação" (Romanos 4.25). Sua obra na cruz teve êxito em expiar nossos pecados, e isso de modo evidente. Além disso, por meio de sua ressurreição, Cristo "foi designado Filho de Deus com poder", ou seja, ele é o nosso Messias vitorioso que reinará para sempre (Romanos 1.4). Somente o Cristo ressurreto pode dizer e nos diz: "Não temas; eu sou o primeiro e o último e aquele que vive; estive morto, mas eis que estou vivo pelos séculos dos séculos e tenho as chaves da morte e do inferno" (Apocalipse 1.17-18). Aquele que vive venceu a morte e agora está preparando um lugar para nós: um novo céu e uma nova terra, onde todo o seu povo viverá alegremente com ele para sempre.

Esse é o evangelho da grande graça de Deus para com nós, pecadores. Qualquer outra coisa que possa ser dita apenas conta-nos mais sobre a poderosa obra de Jesus Cristo. Vamos nos apegar à Palavra que nos foi pregada. Se cremos nesse evangelho, não podemos crer em vão.

Quem é Deus?

David Kenyon

Moisés disse ao Senhor: "Rogo-te que me mostres a tua glória" (Êxodo 33.18). Efetivamente, ele perguntou: "Quem tu és, Deus?". Deus respondeu com estas palavras: "Farei passar toda a minha bondade diante de ti e te proclamarei o nome do SENHOR; terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia e me compadecerei de quem eu me compadecer" (versículo 19). Ele prometeu se revelar.

Mas nenhum homem pode ver a Deus e viver. Isso é demais para qualquer homem — e para o homem pecador, em particular. Deus ordenou que ele se levantasse sobre a penha, e disse: "Quando passar a minha glória, eu te porei numa fenda da penha e com a mão te cobrirei, até que eu tenha passado. Depois, em tirando eu a mão, tu me verás pelas costas; mas a minha face não se verá" (vv. 22-23). Moisés fez bem em perguntar a Deus quem ele é, em vez de dizer a Deus quem ele gostaria que Deus fosse. Assim, Deus estava se revelando

parcialmente a Moisés. Ele passaria, protegendo-o com sua própria mão, e proclamaria o seu próprio nome. Isso significava muito mais do que simplesmente pronunciar o nome Yahweh — "SENHOR" em nossas traduções em português — para que Moisés ouvisse. Deus proclamaria a sua natureza:

"E, passando o SENHOR por diante dele, clamou: SENHOR, SENHOR Deus compassivo, clemente e longânimo e grande em misericórdia e fidelidade; que guarda a misericórdia em mil gerações, que perdoa a iniquidade, a transgressão e o pecado, ainda que não inocenta o culpado, e visita a iniquidade dos pais nos filhos e nos filhos dos filhos, até à terceira e quarta geração!" (34.6-7).

"SENHOR, SENHOR" — ali Deus se revelou a Moisés pelo seu nome pessoal, Yahweh. Ele é o grande Eu Sou. Ele é o Deus autoexistente, imutável, por quem todas as coisas existem, e ele é misericordioso, gracioso, longânimo, cheio de bondade e verdade.

O perdão é tão importante que é expressado usando três termos semelhantes: "perdoa a iniquidade, a transgressão e o pecado". Ele abunda em perdão e misericórdia. Mas o nosso Deus, de acordo com Sua autorrevelação, também é justo. Nosso texto afirma que ele não vai simplesmente inocentar o culpado. Seria contrário à sua natureza simplesmente ignorar

o pecado. A justiça deve ser feita por causa de quem Deus é. Nosso Deus deve ser fiel a quem ele é. Mas como ele pode ser misericordioso e justo ao mesmo tempo? Como ele pode agir de uma maneira consistente com esses dois atributos? Se ele mostra somente misericórdia, a justiça é posta de lado. Se somente a justiça for satisfeita, não há misericórdia.

A resposta é a encarnação e a cruz. O Pai, por ser misericordioso e justo, enviou o Filho para representar todos aqueles que o Pai havia dado a ele (João 17.18-23; Efésios 5.25-32). Sem deixar de ser Deus, o Filho tomou para si uma natureza humana, e tendo sido concebido pelo Espírito Santo e nascido da virgem Maria, ele viveu perfeitamente sob a lei de Deus, guardando a lei que Adão quebrou. Ele voluntariamente foi à cruz, levando os seus eleitos, como sua cabeça federal (representativa), para serem um com ele, e levando o nosso pecado. Ele, então, suportou a ira do Pai, pagando a dívida que não podemos pagar.

Paulo diz em 2 Coríntios 5.21: "Aquele que não conheceu pecado, ele o fez pecado por nós; para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus". Ao fazer-nos um com Jesus, o Pai pode ter a sua ira derramada sobre o Filho. A justiça foi feita e nossa culpa foi removida. Na cruz de Jesus, nós encontramos tanto a maravilhosa misericórdia quanto a perfeita justiça de Deus

em plena exibição.

Voltemos para Moisés. Ele sabia que nenhum homem poderia ver a Deus e viver, mas Deus disse que enquanto a sua glória passasse, ele colocaria Moisés numa fenda da rocha e cobriria o profeta com a sua mão. Davi conhecia bem essa figura, dizendo: "O SENHOR é a minha rocha, a minha cidadela, o meu libertador; o meu Deus, o meu rochedo em que me refúgio; o meu escudo, a força da minha salvação, o meu baluarte" (Salmo 18.2). E Paulo deixa claro que a Rocha da nossa salvação é Jesus (1 Coríntios 10.1-4). Nosso Deus faz por aqueles que confiam em Cristo o que ele fez por Moisés. Ele nos esconde na fenda da Rocha. Ele nos esconde em Jesus. Em Cristo, os nossos pecados são perdoados. Nele, somos salvos da ira de Deus. Nele, conhecemos tanto a justiça quanto a misericórdia.

O que é o homem?

Greg Gilbert

Todas as noites, depois do trabalho, sento-me alguns minutos para ler as notícias do dia. Embora seja um repouso de alguns minutos para o meu corpo e mente, preciso admitir que nesses momentos não encontro muito descanso para o meu coração. Isso porque o que vejo nas manchetes me lembra uma realidade profundamente estabelecida: há algo de errado em nosso mundo e mesmo conosco como seres humanos. Mas o que é isso?

As pessoas têm dado respostas diferentes a essa pergunta. Alguns dizem que os problemas são principalmente econômicos, outros, que são sociais, e ainda outros, que são psicológicos. Certamente, essas respostas podem oferecer alguma compreensão sobre alguns dos sintomas do nosso sofrimento, mas a Bíblia ensina que a doença é muita mais intensa e profunda. Em poucas palavras, o problema é o pecado — rebelião contra o Deus criador que nos criou.

O livro de Gênesis descreve como Deus criou o mundo pelo poder do seu mero comando, e de acordo com Gênesis 1.26-28, o coroamento da obra de Deus foi a criação dos seres humanos. Únicos entre todas as criaturas do universo, os seres humanos são feitos "à sua própria imagem". Ser criado à imagem de Deus significa muitas coisas. Nós, seres humanos, refletimos o caráter e a natureza de Deus em nossa racionalidade, criatividade, e até mesmo em nossa capacidade de nos relacionarmos com Deus e uns com os outros. Mas a imagem de Deus não se refere simplesmente ao que somos; também se refere ao que Deus nos criou para fazer.

Além de viverem em comunhão com Deus, a Adão e Eva foi dado o encargo de governarem e cuidarem da criação de Deus como seus vice-regentes. Assim, Deus lhes disse que deveriam "subjugar" a terra e "ter domínio" sobre ela — não abusando dela ou tiranizando-a, mas "a cultivando e guardando" (Gênesis 2.15). Ao agirem assim, eles comunicariam a toda a criação o amor, poder e bondade do Criador. Talvez, mais fundamentalmente, isso é o que significa ser a imagem de Deus no mundo: como um antigo rei do Oriente Próximo poderia gravar um "retrato" de si mesmo em uma montanha como um lembrete para o seu povo de quem havia se sentado no trono, Adão representava a autoridade de Deus ao mundo

sobre o qual lhe fora dado domínio.

Todavia, a autoridade de Adão sobre a criação não era absoluta; era derivada e circunscrita pelo próprio Deus. As pessoas muitas vezes se perguntam por que Deus colocou a árvore do conhecimento do bem e do mal no jardim. A razão é que a árvore lembrava a Adão e Eva que sua autoridade para governar e subjugar a terra não era absoluta. É por isso que o ato de Adão e Eva comerem o fruto foi um pecado tão trágico. Ao comerem o fruto, Adão e Eva estavam tentando fazer exatamente o que a serpente, com falsidade, lhes disse que podiam: eles estavam tentando "ser como Deus" (Gênesis 3.5). Eles estavam se apoderando de mais poder e autoridade do que Deus lhes tinha dado, tentando, assim, obter o elevado trono de Deus.

As consequências do pecado de Adão foram nada menos que catastróficas. Deus havia prometido que se os humanos comessem do fruto da árvore proibida, certamente morreriam. O que Deus quis dizer não era apenas morte física, mas também — e mais terrivelmente — a morte espiritual. Era uma punição justa e correta. Não somente um Deus perfeitamente santo e justo jamais toleraria tal mal e pecado em sua presença, mas também, ao declararem a sua independência de Deus, Adão e Eva separaram a si mesmos da fonte de toda a

vida e bondade. Eles mereciam a ira de Deus por sua rebelião contra ele, e o salário do seu pecado foi nada menos que morte eterna, condenação e inferno.

Pior ainda, quando Adão pecou, ele o fez como representante de todos os seres humanos. Paulo escreveu aos romanos: "pela ofensa de um só, morreram muitos" (Romanos 5.15). É por isso que cada um de nós confirma repetidamente o ato de rebelião de Adão contra Deus com nosso próprio pecado. Nós também desejamos estar livres da autoridade e governo de Deus, e assim nos entregamos à busca do prazer e da alegria nas coisas criadas como fins últimos. No processo, declaramos que Deus não é digno da nossa adoração, e assim provamos ser dignos da maldição da morte espiritual que Deus pronunciou no princípio.

Se a história da Bíblia terminasse ali — com seres humanos sob a ira de Deus sem uma possibilidade de fuga — viveríamos numa realidade desesperadora. Mas, louvado seja Deus, a história não acaba aí. Em vez de nos deixar morrer em nosso pecado, Deus age para salvar. Por meio da encarnação, morte e ressurreição do seu Filho, Jesus, ele salva o seu povo dos seus pecados e retifica tudo, de uma vez por todas, finalmente e para sempre.

Quem é Cristo?

Michael Haykin

Em 16 de dezembro de 1739, George Whitefield pregou um sermão com base em Mateus 22.42 na Igreja da paróquia de Bruton, em Williamsburg, Virgínia, no qual fez à sua audiência a mesma pergunta que Jesus tinha feito aos seus ouvintes 1.700 anos antes: "Que pensais vós do Cristo?".

A língua que Whitefield falava era diferente da de seu Senhor, mas as consequências eternas da resposta eram as mesmas. Algumas das respostas dos tempos de Jesus — Ele era João Batista ressuscitado dentre os mortos; era um dos profetas; era Elias (veja Marcos 8.27-28) — eram semelhantes às respostas dadas nos tempos de Whitefield. Deístas como Benjamin Franklin, um grande amigo de Whitefield, consideravam Jesus um mestre incomparável, mas ficavam muito longe de confessar a sua divindade. Outros consideravam Jesus como divino, mas de tal maneira que a sua divindade era menor que a do Pai. Whitefield, fiel ao testemunho das Escrituras, não se envergonhou de dizer às pessoas que Je-

sus Cristo é plenamente Deus e que "se Jesus Cristo não fosse verdadeiro Deus de verdadeiro Deus, nunca mais pregaria o evangelho de Cristo. Pois isso não seria evangelho; seria apenas um sistema de ética moral".

Verdadeiro Deus de verdadeiro Deus

A evidência para a deidade completa do Senhor Jesus é encontrada ao longo de todo o Novo Testamento. Jesus é explicitamente chamado de "nosso grande Deus e Salvador" (Tito 2.13). A plenitude da divindade habita nele (Colossenses 1.19; 2.9). Ele possui títulos e nomes dados a Yahweh no Antigo Testamento (compare, por exemplo, Isaías 44.6 e Apocalipse 1.17). Ele é apresentado como o objeto de adoração (Hebreus 1.6) e é invocado em oração (Atos 7.59-60; 1 Coríntios 16.22; 2 Coríntios 12.8). Ele faz coisas que só Deus pode fazer, como criar o universo (João 1.3; Colossenses 1.16), perdoar pecados (Marcos 2.5-10; Colossenses 3.13) e julgar-nos no último dia (Atos 10.42; 17.31; 2 Coríntios 5.10). Ele possui atributos divinos, tais como onipresença (Hebreus 1.3; Efésios 4.10), onisciência (Apocalipse 2.23), onipotência (Mateus 28.18) e imutabilidade (Hebreus 13.8). A deidade completa de Cristo integra o evangelho. Qualquer outra posição perverte o Novo Testamento.

Aquele que se encarnou

O Novo Testamento também testemunha outra verdade sobre a identidade de Cristo: Sua humanidade completa. Como diz o apóstolo Paulo, ele é "Cristo Jesus, homem" (1 Timóteo 2.5). Ele foi criado em circunstâncias humildes (Mateus 13.55). Ele experimentou as dores da fome (4.2). Ele conheceu o cansaço e a sede (João 4.6-7). Ele chorou lágrimas genuínas de tristeza (11.35). Contudo, enquanto a sua humanidade é como a nossa em todos esses aspectos, há um aspecto em que ela é totalmente diferente da nossa: é sem pecado. Ao olharmos para a vida de Cristo, não há um único incidente ao qual podemos apontar e dizer: "Veja, um pecado". Negar a humanidade de Cristo é arruinar o evangelho (veja 1 João 4.1-3; 2 João 7-9).

Para a nossa salvação... crucificado

Depois de uma vida fazendo o bem, curando os doentes e pregando o evangelho, Jesus foi preso pelas autoridades judaicas e romanas. Aquele que é a Verdade e que amou a Deus de modo perfeito foi acusado de ser um blasfemador. Ele sofreu vergonhosamente nas mãos de guardas judeus e soldados romanos, sendo flagelado e zombado. Ele foi despojado de toda a sua roupa e morto sem nada para cobrir a sua nudez (João 19.23-24; Marcos 15.24). Sua morte foi a mais

vergonhosa e dolorosa conhecida pelos romanos: crucificação (Hebreus 12.2; João 19.16-18). O Autor da vida, que ressuscitou dentre os mortos, foi sepultado num túmulo. O mais terrível de tudo, no entanto, foi o senso de abandono por Deus que inundou a alma de Jesus quando ele morreu (Mateus 27.46; Marcos 15.34), pois em sua morte ele suportou e experimentou pelos pecadores a ira infernal que eles merecem (1 Coríntios 15.3; 2 Coríntios 5.21; Hebreus 9.11-14, 28). Sua morte foi nada menos que uma morte vicária e propiciatória. Negar isso é negar o evangelho.

Mas a morte não pôde prender Jesus no túmulo, pois nem a morte nem Satanás tinham qualquer reivindicação sobre ele (Salmos 16.10; Atos 2.24-31). Assim, Deus Pai, pelo Espírito Santo, ressuscitou Jesus dentre os mortos no terceiro dia (Mateus 28.6-7; Atos 2.32; Romanos 8.11), e ele foi visto em diversas ocasiões por seus apóstolos e testemunhas escolhidas (Atos 1.3-8; 1 Coríntios 15.4-8). Rejeitar a ressurreição corporal remove a nossa esperança de salvação.

Esse é o evangelho que o Novo Testamento ensina, que Whitefield pregou, e que nós ainda afirmamos: Cristo, completamente Deus, tornou-se homem para a nossa salvação, morreu por nossos pecados e ressuscitou dentre os mortos. Creia e você será salvo.

O que é fé?

Guy Richard

Uma das declarações que eu me percebi repetindo com mais frequência nos últimos quinze anos de ministério é o comentário perspicaz de J.I. Packer de que meias-verdades disfarçadas de verdades inteiras são mentiras completas. A observação de Packer é um belo lembrete de que meias-verdades são apenas isso: meias-verdades. Quando são apresentadas como se não houvesse nada mais a dizer, o resultado é que a verdade é comprometida. Dizer que Jesus é cem por cento humano é verdade. Porém, é apenas metade da história. Jesus também é cem por cento divino. Se nos concentramos apenas na humanidade de Jesus e nunca dizemos nada sobre a sua divindade, somos culpados de apresentar uma meia-verdade como se fosse a verdade inteira, e assim contamos uma mentira completa.

Meu temor é que muitos de nós na igreja atual possam estar perigosamente perto de violar esse preceito em nossa

pregação do evangelho. Não há dúvida de que o chamado do evangelho é para crer em Jesus Cristo, razão pela qual nossa pregação deve regularmente chamar as pessoas à fé. Mas se a nossa pregação parar ali, sem nunca chamar as pessoas ao arrependimento, está perigosamente perto de apresentar uma meia-verdade como se fosse a verdade inteira. Arrependimento e fé são inseparáveis. São dois lados de uma mesma moeda. A fé é o lado positivo de voltar-se para Cristo, e o arrependimento é o lado negativo de afastar-se do pecado. É impossível voltar-se para Cristo e voltar-se para o pecado, assim como é impossível viajar em duas direções diferentes ao mesmo tempo. Por definição, viajar para o leste significa não viajar para o oeste, e voltar-se para Cristo significa, de modo correspondente, não se voltar para o pecado. Fé e arrependimento necessariamente seguem juntos.

Podemos ver essa união inseparável entre fé e arrependimento em várias passagens da Escritura. Em Atos 2.38, por exemplo, Pedro responde aos que foram "compungidos no coração" e que perguntaram "Que faremos, irmãos?", dizendo-lhes: "Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para remissão dos vossos pecados". Pedro não lhes diz "creiam e sejam batizados", como Paulo faz em circunstâncias praticamente idênticas com o carcerei-

ro de Filipos em Atos 16.30-34, mas "Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado". A razão parece clara, especialmente quando comparamos Pedro e Paulo: fé e arrependimento são inseparáveis. É impossível se arrepender e não crer, e é impossível crer e não se arrepender.

Nós vemos isso novamente em Lucas 24.47, quando Jesus diz aos seus discípulos que eles deveriam proclamar um evangelho de "arrependimento para remissão de pecados", e em Atos 3.19, quando um desses discípulos obedece às suas palavras e de fato ordena aos seus ouvintes: "Arrependei-vos... para serem cancelados os vossos pecados". Em ambos os casos, somos novamente informados de que o chamado do evangelho não é simplesmente "creia, e você será perdoado", mas "arrependa-se, e você será perdoado". A razão é que fé e arrependimento andam de mãos dadas.

Marcos torna essa conexão ainda mais explícita em seu relato da vida de Cristo. Em 1.14-15, Marcos registra Jesus proclamando um evangelho que abertamente chama as pessoas a "se arrependerem e crerem". Para Jesus, a fé e o arrependimento, obviamente, caminham juntos. O evangelho nos chama a ambos.

Isso não é negar a doutrina da justificação somente pela fé. Jesus não está acrescentando nada à fé, mas, sim, definin-

do como a fé realmente se evidencia. A fé que justifica não é uma fé vazia ou vaga, por assim dizer, mas uma fé que se arrepende, ou seja, uma fé que é sempre acompanhada pelo arrependimento. Certamente, é possível que a fé genuína seja impenitente por um período. O exemplo de Davi permanecendo impenitente por um tempo depois de seu pecado com Bate-Seba demonstra isso (2 Samuel 11-12). Mas um espírito impenitente não pode durar para sempre. Os cristãos podem não estar arrependidos imediatamente, mas por fim se arrependerão. Deus cuidará disso, assim como fez com Davi, porque a fé e o arrependimento necessariamente seguem juntos. Onde uma está, lá estará o outro também.

O mesmo evangelho que nos chama à fé também nos chama ao arrependimento. Se nos concentramos somente no chamado à fé, estamos nos concentrando apenas em um lado da moeda e ignorando o fato de que existe outro lado. Para traçar um paralelo com um dos ensinamentos mais conhecidos de Jesus, proclamar a fé, mas não o arrependimento, é como ensinar as pessoas a "dar, pois, a César o que é de César" sem nunca mencionar que elas também devem dar "a Deus o que é de Deus" (Mateus 22.21). Nós estamos perigosamente perto de apresentar uma meia-verdade como se fosse a verdade inteira e, portanto, de contar uma mentira completa.

O que é graça?

R.C. Sproul

Há várias décadas, no Centro de Estudos Vale Ligonier, enviamos um cartão de Ação de Graças com essa declaração simples: "A essência da teologia é a graça; a essência da ética cristã é a gratidão ". Em todos os debates sobre o nosso papel versus o papel de Deus na santificação — nosso crescimento em santidade — permaneceríamos no caminho certo se nos lembrássemos dessa dinâmica graça-gratidão. Quanto mais compreendermos quão amável Deus tem sido para conosco e quanto mais formos conquistados pela sua misericórdia, mais nos inclinaremos a amá-lo e a servi-lo.

Porém, não podemos entender corretamente a dinâmica graça-gratidão se não estiver claro o que significa graça. O que é graça? Os catecismos que muitos de nós aprendemos quando crianças nos dão a resposta: "Graça é o favor imerecido de Deus". A primeira coisa que entendemos sobre a graça é o que ela não é — não é algo que nós merecemos. De fato, se isso

for tudo o que já entendemos sobre a graça, estou certo de que Deus se alegrará de que sabemos que a sua graça é imerecida. Então, aqui está nossa definição explicativa de graça: é imerecida.

A epístola de Paulo aos Romanos lança luz sobre o que queremos dizer quando afirmamos que a graça é imerecida. Em 1.18 – 3.20, o apóstolo explica que no último dia, pela primeira vez em nossas vidas, seremos julgados em completa perfeição, em total equidade e em absoluta justiça. Assim, toda boca será calada quando estivermos diante do tribunal de Deus. Isso deve provocar temor nos corações das pessoas caídas, pois a condenação é a única sentença possível para os homens e mulheres pecadores: "pois todos pecaram e carecem da glória de Deus" (3.23).

Mas aqueles que confiam em Cristo Jesus têm esperança, pois se estamos nele por meio fé, fomos "justificados gratuitamente pela sua graça". Observe que a justificação não é realizada por obrigação, mas gratuitamente pela graça, por causa da redenção comprada por Jesus somente. Não há espaço para se vangloriar, pois não somos justificados por nossas obras, mas somente pela graça, somente por meio da fé. Paulo continua a citar Abraão como o exemplo eminente de alguém que foi justificado pela fé somente e, portanto, livre da sen-

tença condenatória de Deus. Se o fundamento para a salvação de Abraão, sua justificação, foi algo que Abraão fez — alguma boa ação, algum serviço meritório que ele realizou, alguma obrigação que ele cumpriu — se fosse com base em obras, diz Paulo, ele teria algo sobre o que se vangloriar. Mas Abraão não tinha tal mérito. Tudo o que ele tinha era a fé, e essa própria fé era um dom: "Abraão creu em Deus, e isso lhe foi imputado para justiça" (4.3; veja Efésios 2.8-10).

Romanos 4.4-8 é uma passagem chave aqui:

> *Ora, ao que trabalha, o salário não é considerado como favor, e sim como dívida. Mas, ao que não trabalha, porém crê naquele que justifica o ímpio, a sua fé lhe é atribuída como justiça. E é assim também que Davi declara ser bem-aventurado o homem a quem Deus atribui justiça, independentemente de obras: Bem-aventurados aqueles cujas iniquidades são perdoadas, e cujos pecados são cobertos; bem-aventurado o homem a quem o Senhor jamais imputará pecado.*

Isso é graça. Paulo não poderia afirmá-lo de outra forma. Para quem trabalha, isso é dívida; se você merece alguma coi-

sa, significa que alguém está obrigado a pagá-lo. Se eu contrato você como um empregado e prometo pagar-lhe cem reais caso trabalhe por oito horas, eu devo pagá-lo por trabalhar as oito horas. Não lhe faço um favor ou lhe dou graça. Você mereceu o seu salário. Você cumpriu o contrato, e eu estou moralmente obrigado a dar-lhe o seu salário.

Em relação ao Senhor, nós somos devedores que não podem pagar. É por isso que a Bíblia fala sobre a redenção em linguagem econômica — fomos comprados por preço (1 Coríntios 6.20). Somente alguém — Cristo — pode pagar a nossa dívida. Isso é graça. Não são as nossas boas obras que garantem o nosso resgate, mas apenas as obras de Cristo. É o mérito dele, não o nosso. Não merecemos nada. Ele nos concede o seu mérito pela graça, e nós o recebemos somente pela fé. A essência da graça é a sua doação gratuita e voluntária. Se fosse uma obrigação, não seria mais graça.

A graça nunca deve deixar de nos maravilhar. Deus tem um padrão absoluto, puro e santo de justiça. É por isso que nos apegamos com todas as nossas forças ao mérito de Jesus Cristo. Só ele tem o mérito que satisfaz as exigências da justiça de Deus, e ele nos concede esse mérito livremente. Não o merecemos. Não há nada em nós que suscite o favor do Senhor que conduz à nossa justificação. É pura graça.

E quanto mais entendemos o que Deus fez por nós como pecadores, mais dispostos somos a fazer o que ele exige. Os grandes mestres da igreja dizem que o primeiro ponto da santificação genuína é uma consciência crescente da nossa própria pecaminosidade. Com isso vem, ao mesmo tempo, uma consciência crescente da graça de Deus. E com isso, novamente, o amor e a vontade crescentes de obedecê-lo.

Quando verdadeiramente entendemos a graça — quando vemos que Deus só nos deve a ira, mas proveu o mérito de Cristo para cobrir o nosso demérito — então tudo muda. A motivação cristã para a ética não é meramente obedecer a alguma lei abstrata ou a uma lista de regras; antes, nossa resposta é estimulada pela gratidão. Jesus entendia isso quando disse: "Se me amais, guardareis os meus mandamentos". Se eu posso ter a liberdade de parafrasear: "Guardareis os meus mandamentos não porque quereis ser justos, mas porque me amais". Uma verdadeira compreensão da graça — do favor imerecido de Deus — sempre leva a uma vida de gratidão e obediência.

O que são justificação e santificação?

Guy Waters

As palavras justificação e santificação têm, em grande medida, deixado de ser usadas na cultura ocidental. Tristemente, elas também estão desaparecendo da perspectiva na igreja cristã. Uma das razões pelas quais esse declínio é angustiante é que a Bíblia usa as palavras justificação e santificação para expressar a obra salvífica de Cristo pelos pecadores. Ou seja, os dois termos estão no coração do evangelho bíblico. Então, o que a Bíblia ensina sobre justificação e santificação? Como elas diferem uma da outra? Como elas nos ajudam a entender melhor o relacionamento do crente com Jesus Cristo?

A justificação é tão simples quanto o ABC. A justificação é um ato de Deus. Ela não descreve o modo como Deus regenera e muda interiormente uma pessoa. É, antes, uma declaração legal na qual Deus perdoa o pecador de todos os seus pecados, aceita e considera o pecador como justo diante de si mesmo. Deus declara o pecador justo no momento em que o

pecador deposita a sua confiança em Jesus Cristo (Romanos 3.21-26; 5.16; 2 Coríntios 5.21).

Qual é a base desse veredito legal? Deus justifica o pecador unicamente com base na obediência e morte do seu Filho, nosso representante, Jesus Cristo. A perfeita obediência de Cristo e plena satisfação pelo pecado são o único fundamento em que Deus declara o pecador justo (Romano 5.18-19; Gálatas 3.13; Efésios 1.7; Filipenses 2.8). Não somos justificados por nossas próprias obras; somos justificados unicamente com base na obra de Cristo em nosso favor. Essa justiça é imputada ao pecador. Em outras palavras, na justificação, Deus coloca a justiça do seu Filho sobre o pecador. Assim como meus pecados foram transferidos para Cristo, ou postos sobre ele na cruz, assim também a sua justiça é considerada como minha (2 Coríntios 5.21).

Por quais meios o pecador é justificado? Os pecadores são justificados somente pela fé, quando confessam a sua confiança em Cristo. Não somos justificados por qualquer bem que fizemos, fazemos ou faremos. A fé é o único instrumento de justificação. A fé não acrescenta nada ao que Cristo fez por nós na justificação. A fé simplesmente recebe a justiça de Jesus Cristo oferecida no evangelho (Romanos 4.4-5).

Por fim, a fé salvífica deve demonstrar ser genuína ao

produzir boas obras. É possível professar a fé salvífica, mas não possuir a fé salvífica (Tiago 2.14-25). O que distingue a verdadeira fé de uma simples alegação de fé é a presença de boas obras (Gálatas 5.6). Não somos de modo algum justificados por nossas boas obras. Mas ninguém pode se considerar uma pessoa justificada, a menos que veja em sua vida o fruto e evidência da fé justificadora; ou seja, boas obras.

Tanto a justificação quanto a santificação são graças do evangelho; elas sempre estão juntas; e ambas lidam com o pecado do pecador. Mas elas diferem em alguns aspectos importantes. Primeiramente, enquanto a justificação se dirige à culpa do nosso pecado, a santificação se dirige ao domínio e à corrupção do pecado em nossas vidas. A justificação é a declaração de Deus de que o pecador é justo; a santificação é a renovação e a transformação de Deus em todo o nosso ser — nossas mentes, vontades, afeições e comportamentos. Unidos a Jesus Cristo em sua morte e ressurreição, e habitados pelo Espírito de Cristo, estamos mortos para o reino do pecado e vivos para a justiça (Romanos 6.1-23; 8.1-11). Portanto, somos compelidos a mortificar o pecado e a apresentar os nossos "membros, a Deus, como instrumentos de justiça" (6.13; veja 8.13).

Em segundo lugar, nossa justificação é um ato completo

e consumado. A justificação indica que todo crente é completa e finalmente livre da condenação e da ira de Deus (Romanos 8.1, 33-34; Colossenses 2.13b-14). A santificação, porém, é uma obra contínua e progressiva em nossas vidas. Embora cada crente seja tirado de uma vez por todas da escravidão do pecado, não somos aperfeiçoados imediatamente. Não seremos completamente libertos do pecado até que recebamos nossos corpos ressuscitados no último dia.

Cristo comprou tanto a justificação quanto a santificação para o seu povo. Ambas as graças se referem à fé em Jesus Cristo, mas de maneiras diferentes. Na justificação, nossa fé resulta em sermos perdoados, aceitos e considerados justos diante de Deus. Na santificação, essa mesma fé aceita ativa e zelosamente todos os mandamentos que Cristo deu ao crente. Não ousamos separar ou fundir a justificação e a santificação. Nós as distinguimos. E, em ambas as graças, participamos da riqueza e alegria da comunhão com Cristo por meio da fé nEle.

Qual é nossa resposta?

John Tweeddale

As boas obras não são ruins. Elas são boas. Como cristãos, devemos querer fazê-las. Somente porque não somos salvos segundo as nossas obras não significa que não devemos nos preocupar em buscar uma vida de alegre obediência à Palavra de Deus. Jesus afirma de modo enfático: "Se me amais, guardareis os meus mandamentos" (João 14.15). A obediência, embora débil e fraca, é prova do nosso amor por Cristo. Longe de enfraquecer o evangelho da graça, as boas obras são o complemento perfeito para o evangelho.

Salvo, não pelas boas obras

Para ser claro, as boas obras são ruins quando são consideradas como o fundamento da salvação. Uma pessoa não é salva pelas obras, mas pela graça de Deus mediante a fé em Cristo. O apóstolo Paulo explica:

Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus; não de obras, para que ninguém

se glorie. Pois somos feitura dele, criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas. (Efésios 2.8-10)

As obras não são meritórias. A salvação "não vem de vós" e "não de obras". Mesmo a fé pela qual recebemos a salvação é um dom gracioso de Deus. Como criaturas caídas, nossos melhores esforços são contaminados com pecado. Citando Francis Schaeffer, quantos baldes finitos de boas obras seriam necessários para preencher o abismo infinito que existe entre Deus e nós por causa do nosso pecado? As boas obras não fornecem base para vanglória, porque são absolutamente inúteis para salvar. O único fundamento para a salvação é Cristo. Somos salvos pelas obras dele, não pelas nossas.

Salvo para boas obras

As boas obras não são ruins quando são consideradas como o objetivo da salvação, e não o seu fundamento. Embora as boas obras não sejam meritórias para a salvação, elas são um componente necessário da fé cristã. Como diz Tiago: "a fé sem obras é morta" (Tiago 2.26). Paulo chega a essa mesma conclusão quando afirma que não somos salvos por boas obras, mas que somos salvos para boas obras.

Cada palavra em Efésios 2.10 é importante para explicar a dinâmica das boas obras na vida cristã. Nós aprendemos que

as boas obras são o resultado, não a causa, de sermos novas criaturas, e elas testemunham o fato de que fomos redimidos para que nossas vidas possam refletir a obra e o caráter de Deus. As boas obras também são o resultado de estarmos unidos a Cristo. Fora de Cristo, não podemos fazer nada que agrade a Deus. Mas em Cristo, somos criados para realizar atos de obediência que honram a Deus. Em Cristo, podemos estar confiantes de que Deus aceita nossos esforços fracos e vacilantes. Paulo afirma ainda que as boas obras são o resultado do padrão de Deus para a vida cristã. Não precisamos nos perguntar o que Deus exige de nós. Ele nos disse em sua Palavra. As boas obras são realizadas em conformidade com a Palavra de Deus.

Uma fé que nunca está sozinha

As boas obras são boas porque não provêm de uma fé morta, mas de uma "fé viva e verdadeira" (CFW 16.2). Somos justificados pela graça somente, pela fé somente, em Cristo somente; contudo, a fé que salva nunca está sozinha, mas é acompanhada pela vida espiritual e obediência amorosa. Cristo é o fundamento da nossa salvação, a fé é o instrumento da nossa salvação, e as obras são o fruto da nossa salvação. Quando o evangelho está enraizado em nossas vidas, sempre produz frutos operados pelo Espírito (Gálatas 5.16-26). O Es-

pírito nos capacita a caminhar de um modo digno do nosso chamado para buscarmos vidas semelhantes a Cristo (Efésios 4.1-7).

A importância de andar no caminho da obediência é múltipla. A Confissão de Fé de Westminster afirma que há pelo menos seis benefícios das boas obras. Em primeiro lugar, as boas obras expressam a nossa gratidão a Deus pelo dom do seu Filho (Colossenses 2.6). Em segundo lugar, as boas obras fortalecem a certeza da fé (1 João 2.1-6). Em terceiro lugar, as boas obras são um meio de encorajar outros cristãos a maiores atos de amor cristocêntrico (Hebreus 10.24). Em quarto lugar, as boas obras são meios concretos de adornar a doutrina de Deus, nosso Salvador, na vida e no ministério (Tito 2.7-10). Em quinto lugar, as boas obras silenciam os críticos que desvalorizam a bondade do Cristianismo bíblico (1 Pedro 2.12, 15). Em sexto lugar, as boas obras glorificam a Deus, manifestando a sua obra de amor em nossas vidas (João 15.8-11).

Qual é a nossa resposta ao evangelho? Um velho hino o expressa bem: "Crer e obedecer, pois outro caminho não há para ser feliz em Jesus, senão crer e obedecer"[1].

---

1 Tradução livre de trecho do hino "Trust and Obey", por John H. Sammis, 1887. – N.T.

Pregando o evangelho para si mesmo

Joe Thorn

Há grande segurança na salvação que vem do Senhor. Deus nos escolheu em Cristo antes da fundação do mundo, e sua decisão permanece. O Espírito Santo nos fez nascer de novo, e não há meios pelos quais possamos destruir a vida que ele nos deu. Todo crente foi crucificado com Cristo, e em nenhuma parte da Escritura vemos uma maneira pela qual possamos não ser crucificados. Todo aquele que crê em Jesus Cristo é justificado, e nenhuma obra do homem ou de Satanás pode anular o veredito de Deus. Jesus exerce cuidado soberano sobre todo o seu povo. Aqueles que estão em suas mãos não podem ser tirados dele. Ainda assim, apesar da segurança e permanência de nossa salvação diante de Deus por meio de Jesus Cristo, podemos nos encontrar em sofrimento quando nos afastamos da esperança do evangelho.

E nos desviamos. Enquanto o desvio pode vir na forma de ceder à imoralidade, mais frequentemente se disfarça como

uma espécie de Cristianismo. Para muitos, a vida cristã é guiada pela precisão doutrinária. Podemos devidamente valorizar nossa herança confessional e ver a importância de uma teologia robusta, mas esse pode se tornar o objetivo pelo qual nos esforçamos, enquanto perdemos a conexão de toda a teologia com o evangelho. O conhecimento muitas vezes "vangloria-se" e o orgulho resultante nos leva à confiança confessional mais que à confiança evangélica. Alguns cristãos baseiam a sua vida espiritual em emoções — os movimentos íntimos do coração que muitas vezes estão conectados com as profundas verdades de Deus. Mas enquanto as verdades de Deus nunca mudam, a nossa experiência destas verdades muda. E quando os sentimentos não estão presentes, nossa fé acaba em crise. Ao encontrar confiança em nossas emoções, nos desviamos do que deveria ser a nossa única esperança na vida e na morte. Muitos de nós perdemos de vista o evangelho enquanto nos concentramos em nossas próprias obras e em quão bem estamos indo espiritualmente. Ao nos medirmos por padrões autoimpostos, acreditamos ser fortes ou fracos, mas em cada caso a correção é encontrada em fazer o nosso melhor, em vez de na obra de Cristo.

Fundamentalmente, o evangelho é esquecido quando já não funciona como nossa esperança e confiança diante de

Deus, ou quando se torna não essencial para o viver prático e diário da vida cristã. O evangelho que muitas vezes esquecemos deve ser recuperado e retido para a segurança das nossas almas, e isso é feito através da pregação do evangelho para nós mesmos.

Pregar o evangelho para nós mesmos é chamar a nós mesmos para nos voltarmos a Jesus por perdão, purificação, fortalecimento e propósito. É responder as dúvidas e medos com as promessas de Deus. Meus pecados me condenam? Jesus cobriu-os todos em seu sangue. Minhas obras são insuficientes? A justiça de Jesus é considerada como minha. O mundo, o diabo e minha própria carne estão conspirando contra mim? Nem mesmo um cabelo pode cair da minha cabeça se não for a vontade do meu Pai que está nos céus, e ele prometeu cuidar de mim e me guardar para sempre. Posso realmente negar a mim mesmo, carregar minha cruz e seguir a Jesus? Sim, porque Deus opera em mim o querer e o realizar segundo o seu próprio prazer. É a isso que se assemelha pregar para nós mesmos.

Essa pregação privada e pessoal só pode acontecer quando a Palavra de Deus é conhecida e crida; quando a lei de Deus revela nosso pecado e desamparo, e sua graça cobre esse pecado e supera as nossas fraquezas. Pregar o evangelho para nós

mesmos não é simplesmente o ato de estudar a Bíblia (embora possamos pregar para nós mesmos nesse ato), mas é nos chamar ativamente a crer nas promessas de Deus em Jesus, seu Filho.

Pregamos para nós mesmos através das disciplinas da oração e meditação nas Escrituras. Na oração, buscamos a Deus para satisfazer graciosamente as nossas necessidades, e no ato em si exercemos fé. Em sua exposição da Oração do Senhor, Thomas Manton disse: "A oração... é uma pregação para nós mesmos na audiência de Deus. Nós falamos a Deus para nos confortar, não para a sua informação, mas para a nossa edificação". As promessas do evangelho na Palavra de Deus nos guiam na oração, levando-nos à segurança da obra e sacrifício de Jesus. Pela meditação, lembramos o evangelho; pela oração, reivindicamos o evangelho como a nossa grande esperança.

A maioria de nós precisa redescobrir o evangelho. E tal redescoberta é necessária diariamente, porque nossa necessidade está sempre presente e nossos corações são propensos a se desviar. Mas a recuperação do evangelho só acontece quando nós sentimos o fardo dos nossos pecados, a fraqueza da nossa carne e a fragilidade da nossa fé. Isso significa que somente aqueles que sabem que são pecadores indignos e que a

Palavra de Deus é verdadeira descobrirão que o evangelho não é apenas uma boa notícia, mas uma boa notícia para as suas próprias almas.

Os novos céus e a nova terra

Dennis Johnson

O Agora Conta Para Sempre [Right Now Counts Forever]. O título da coluna do Dr. Sproul em cada edição de Tabletalk captura de forma concisa a relação entre o evangelho e os novos céus e a nova terra. A boa notícia da morte sacrificial de Cristo e da gloriosa ressurreição tem implicações eternas para o destino de cada ser humano. Sua resposta a essa mensagem — seja em humilde confiança ou em incredulidade desafiadora — será o seu ponto de inflexão entre a felicidade infinita além dos seus sonhos mais ousados e o tormento implacável além dos seus piores pesadelos.

O Deus vivo, soberano sobre cada átomo em seu universo e sobre cada nanossegundo da sua história, está dirigindo o cosmos para uma consumação que mostrará a majestade da sua sabedoria, poder, justiça e misericórdia, para cada criatura, em todos os lugares, contemplar. Os céus e a terra atuais, manchados pelo pecado humano e pela maldição em que in-

correram, "perecerão" e "serão mudados" (Hebreus 1.11-12), abalados e removidos (12.26-27). Para o primeiro céu e terra, nenhum "lugar" será encontrado, mas em seu lugar um novo céu e uma nova terra aparecerão (Apocalipse 20.11; 21.1).

A promessa é tão antiga quanto a profecia de Isaías: "Pois eis que eu crio novos céus e nova terra; e não haverá lembrança das coisas passadas, jamais haverá memória delas" (Isaías 65.17-18; veja 66.22-23). O apóstolo Pedro afirma que a justiça habitará os novos céus e a nova terra pelos quais esperamos (2 Pedro 3.13). Paulo acrescenta que toda a criação, agora sujeita à vaidade e à decadência, une-se aos filhos de Deus no desejo da libertação de seu "cativeiro da corrupção" na nossa ressurreição (Romanos 8.19-22).

Como descrever os novos céus e a nova terra? Para descrever negativamente o cosmos vindouro, podemos dizer que as misérias que agora causam tanto dano e angústia desaparecerão: nenhum luto, dor, morte — nenhum resquício da maldição permanecerá (Apocalipse 21.4; 22.3). É mais desafiador retratar positivamente o que será um mundo livre da maldade e aflição. Profetas e apóstolos forçam a linguagem aos seus limites para oferecer vislumbres das realidades gloriosas além da nossa experiência. Podemos dizer que a ressurreição de Jesus é as primícias da nova criação consumada, de modo

que o seu glorioso corpo ressuscitado prefigura a ressurreição que o seu povo aguarda (1 Coríntios 15.20-22; Filipenses 3.21). Depois que Jesus ressuscitou, ele podia comer e ser tocado (Lucas 24.39-43), de modo que a materialidade do seu corpo nos leva a esperar que o cenário descrito no livro de Apocalipse — as folhas curativas e a fecundidade incessante da árvore da vida, por exemplo (Apocalipse 22.1-5) — não é completamente simbólico. Pelo menos podemos dizer que a nossa casa final não é etérea e imaterial, mas uma reafirmação vigorosa do projeto original do Criador, pois ele declarou que o primeiro céu e a primeira terra eram "muito bons" (Gênesis 1.31).

A Palavra de Deus revela o suficiente sobre os novos céus e a nova terra para nos fazer entender a urgência da pergunta: "Como posso ter acesso à pátria prometida de puro deleite na presença de Deus?". Essa pergunta nos conduz ao evangelho. Os novos céus e a nova terra serão povoados pelos "servos" de Deus (Apocalipse 22.3-5), que se apegaram à Palavra de Deus e confessaram Jesus (1.2, 9; 20.4). Eles foram redimidos pelo sangue do Cordeiro, e seus nomes estão escritos em seu Livro da Vida (12.11; 20.12, 15; 21.27).

Ainda assim, as visões de Apocalipse ressaltam a importância crucial do evangelho a partir de outra perspectiva

muito séria. Aqueles cujos nomes não estão no livro do Cordeiro serão julgados por suas próprias ações ao longo da vida. Sem a cobertura do sangue expiatório do Cordeiro, eles serão expostos à justa ira de Deus, condenados e "lançados no lago de fogo", a segunda morte (20.13-15). Suas almas serão reunidas com os corpos nos quais praticaram a sua rebelião, e nesse lago ardente experimentarão não somente a incessante angústia física, mas também a privação total de alívio mental e espiritual. O próprio Jesus falou desse terrível e eterno destino que aguarda os rebeldes, um lugar "onde não lhes morre o verme, nem o fogo se apaga" (Marcos 9.43-48; Isaías 66.24).

Será que a perspectiva de tormentos incessantes — assegurados pela inabalável justiça de Deus — faz o seu coração temer? Deveria. Agora é a hora de confiar no Cordeiro e em seu sangue remidor.

Será que os prazeres vindouros nos novos céus e na nova terra estimulam os anseios do seu coração? Deveriam. Agora é a hora de confiar no Cordeiro e em seu sangue remidor. O agora realmente conta para sempre.

QUESTÕES CRUCIAIS





ENCONTRE NA
EDITORAFIEL.COM.BR



O Ministério Fiel tem como propósito servir a Deus através do serviço ao povo de Deus, a Igreja.

Em nosso site, na internet, disponibilizamos centenas de recursos gratuitos, como vídeos de pregações e conferências, artigos, e-books, livros em áudio, blog e muito mais.

Oferecemos ao nosso leitor materiais que, cremos, serão de grande proveito para sua edificação, instrução e crescimento espiritual.

Assine também nosso informativvo e faça parte da comunidade Fiel. Através do informativo, você terá acesso a vários materiais gratuitos e promoções especiais exclusivos para quem faz parte de nossa comunidade.

Visite nosso Website:

www.ministeriofiel.com.br



MINISTÉRIO LIGONIER

O ministério Ligonier, fundado pelo pastor R.C. Sproul, tem como objetivo principal apresentar fielmente a verdade das Escrituras, através de cursos, materiais de estudo e diversos recursos multimídia, a fim de que pessoas possam crescer no conhecimento de Deus e em Sua santidade.

Desde o início, Ligonier tem servido à igreja como ponte entre a escola bíblica dominical e o seminário.

Conheça o Ministéiro Ligonier:
www.ligonier.org/pt

VOLTEMOS AO EVANGELHO

O ministério Voltemos ao Evangelho nasceu com o grandioso intuito de proclamar o único e verdadeiro Evangelho, chamando a nação brasileira a voltar à centralidade da glória de Deus na face de Cristo e ao fundamento das Escrituras.

Disponibilizamos material multimídia, textos e vídeos gratuitos, sem restrição quanto ao uso pessoal ou ministerial, a fim de que Deus seja glorificado e a Igreja de Cristo, edificada.

Para mais informações, acesse:
www.voltemosaoevangelho.com